

## Psicofármacos Associados à Psicoterapia

### Psychopharmaceuticals Associated with Psychotherapy

### Psicofármacos Asociados a la Psicoterapia

Recebido: 17/11/2022 | Revisado: 28/11/2022 | Aceitado: 30/11/2022 | Publicado: 07/12/2022

#### **Geane Monteiro Brasil Duarte**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9611-0746>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: [geanebrasil@hotmail.com](mailto:geanebrasil@hotmail.com)

#### **Juliane Oliveira de Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1382-8638>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: [juh.nathy18@gmail.com](mailto:juh.nathy18@gmail.com)

#### **Wollace Scantbelrvy da Rocha**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8055-0760>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: [wollacescantbelrvy@gmail.com](mailto:wollacescantbelrvy@gmail.com)

#### **Resumo**

Objetivo: discutir sobre a associação entre psicofármacos e psicoterapia sob a ótica do profissional psicólogo. Metodologia: pesquisa descritiva, exploratória, qualitativa, do tipo revisão de literatura. A coleta de dados se deu nas plataformas BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e SCIELO (ScientificElectronic Library Online). Resultados: As técnicas relacionam-se à psicodinâmicas e os pressupostos teórico-filosóficos, objetivos e recursos utilizados foram: interpretação, exposição, psicoeducação, frequência das sessões e tempo de duração do tratamento revelou-se relevante, setting (grupal, familiar, individual). Além disso, o treinamento de terapeutas são pré-requisitos para a resposta terapêutica adequada. Conclusão: Observou-se que é importante a identificação dos fatores de risco relacionados à depressão. O conhecimento sobre os multifatores nos auxilia a refletir sobre o impacto de fatores socioeconômicos, assim como o perfil do cliente que faz uso de psicofármacos. Tais informações devem ser utilizadas no processo de acolhimento e definição de terapêuticas.

**Palavras-chave:** Psicofármacos; Psicoterapia; Psicólogo.

#### **Abstract**

Objective: to describe the main aspects related to suicidal ideation in the elderly, identifying the activities developed by the psychologist. Data collection took place on the VHL (Virtual Health Library) and SCIELO (ScientificElectronic Library Online) platforms. Methodology: descriptive, exploratory, qualitative research, of the literature review type. Data collection took place on the BVS (Virtual Health Library) and SCIELO (ScientificElectronic Library Online) platforms. Results: The techniques are related to psychodynamics and the theoretical-philosophical assumptions, objectives and resources used were: interpretation, exposition, psychoeducation, frequency of sessions and duration of treatment proved to be relevant, setting (group, family, individual). In addition, therapist training is a prerequisite for an adequate therapeutic response. Conclusion: It was observed that it is important to identify risk factors related to depression. Knowledge about the multifactors helps us to reflect on the impact of socioeconomic factors, as well as the profile of the client who uses psychotropic drugs. Such information should be used in the reception process and definition of therapies.

**Keywords:** Psychopharmaceuticals; Psychotherapy; Psychologist.

#### **Resumen**

Objetivo: discutir la asociación entre psicofármacos y psicoterapia en la perspectiva del psicólogo profesional. Metodología: descriptiva, exploratoria, cualitativa, tipo revisión. La recolección de datos ocurrió en las plataformas BVS (Biblioteca Virtual en Salud) y SCIELO (Biblioteca Científica Electrónica en Línea). Resultados: Las técnicas están relacionadas con la psicodinámica y los supuestos teórico-filosóficos, objetivos y recursos utilizados fueron: interpretación, exposición, psicoeducación, frecuencia de las sesiones y duración del tratamiento que resultó pertinente, ámbito (grupal, familiar, individual). Además, la formación del terapeuta es un requisito previo para una respuesta terapéutica adecuada. Conclusión: Se observó que es importante identificar los factores de riesgo relacionados con la depresión. El conocimiento de los multifatores nos ayuda a reflexionar sobre el impacto de los factores socioeconómicos, así como el perfil del cliente que consume psicotrpicos. Dicha información debe ser utilizada en el proceso de recepción y definición de terapias.

**Palabras clave:** Psicofármacos; Psicoterapia; Psicólogo.

## 1. Introdução

O modelo atual da psiquiatria encontra-se colocado à disposição da sociedade de consumo e da cultura de mercado, bem como de seus efeitos sobre a saúde mental da população. Por consequência, a própria medicação se transforma em objeto de consumo atendendo a dois aspectos ambíguos e simultâneos. Ao mesmo tempo em que o modelo proporciona uma condição artificial em que se torna possível suportar a carga de cobrança sobre suas vidas, também permite ao sujeito contemporâneo ampliar suas capacidades laborais, acadêmicas e estéticas, ao menos no curto prazo (Alvarenga, 2021).

Os psicofármacos são substâncias químicas, naturais ou sintéticas, que quando introduzidas no organismo podem modificar de várias maneiras o comportamento mental, excitando, deprimindo ou provocando perturbações. São indicados para o tratamento de diversas enfermidades e podem causar dependência física e/ou psíquica, além de contribuírem para a ocorrência de eventos adversos aos usuários (Fontana, 2005).

Whitaker (2017), o aumento do consumo de medicamentos psiquiátricos, especialmente antidepressivos, nos últimos 30 anos é alvo de preocupações da comunidade científica por diversos motivos. Assim, Whitaker faz uma cuidadosa discussão sobre a produção científica que deu fundamentação à medicalização social e mostra como os estudos que embasaram o modelo foram sendo contraditados por estudos posteriores, porém, as evidências com relação às fragilidades científicas associadas ao modelo não impediram sua gigantesca expansão.

Sobre a ação dos fármacos neuroativos, podemos destacar que atuam em um dos quatro tipos de proteínas-alvo, especificamente os canais iônicos, os receptores, as enzimas e as proteínas transportadoras. Das quatro principais famílias de receptores – receptores inotrópicos, receptores acoplados à proteína G, receptores ligados a quinases e receptores nucleares –, os fármacos neuroativos atuais têm como alvo principalmente as duas primeiras (Rang & Dale, 2016).

Nos últimos anos, observa-se aumento no consumo desses medicamentos, dentre os 20 subgrupos farmacológicos mais utilizados pelos usuários da atenção primária estão os antidepressivos (fluoxetina), antiepiléticos e ansiolíticos (clonazepam), ficando atrás apenas dos fármacos das classes de anti-inflamatórios não esteroidais, anti-hipertensivos e antidiabéticos (Brasil, 2017).

Mudanças vêm ocorrendo nas últimas décadas, referentes à atitude de psicoterapeutas e psiquiatras, no que diz respeito ao uso dos psicofármacos aliados a psicoterapia. Devido ao comprometimento com a efetividade terapêutica, tornou-se necessário que os profissionais de saúde mental, das diversas modalidades terapêuticas busquem novos conhecimentos, já que, a abordagem dos problemas emocionais, através de uma visão exclusivamente biológica ou psicológica, pode impedir o paciente de obter o tratamento mais adequado. Quando há então, uma possibilidade de comunicação entre os profissionais existe também, uma possibilidade de troca de conhecimentos que pode ser benéfica para os profissionais e para o paciente (Saffer, 2007).

Observa-se que a psicoterapia e a psicofarmacologia são eficazes no tratamento de pessoas com Transtornos Mentais, entretanto, ambas possuem benefícios e limitações. Na psicofarmacologia, o alívio dos sintomas é mais rápido, mas existem efeitos colaterais adversos. Na psicoterapia, normalmente, o acompanhamento é feito semanalmente e o progresso é observado no decorrer do tempo. No entanto, os casos de transtornos mentais graves demandam uma ação mais imediata. Sendo assim, recentes estudos indicam que os dois métodos terapêuticos, quando combinados, são mais eficazes para a saúde mental do paciente do que isoladamente (Franco, 2012).

Desta forma, a maioria dos psicólogos “Concorda” que os psicofármacos favorecem “Às vezes” o processo de adesão do paciente à psicoterapia, pois, provavelmente, compreendem que o processo psicoterápico vai além das inferências psicofarmacológicas. O ser humano, que neste caso, se apresenta como paciente, é um ser subjetivo, sendo que, um método que é eficaz para um paciente pode não ser para outro. Por isso, da necessidade de se examinar os aspectos subjetivos do

paciente, usando não só dos seus conteúdos manifestos, mas das associações transferenciais e contratransferências também (Powell, 2001)

Porém, os psicofármacos, na busca do alívio do sofrimento, auxiliam na capacidade da elaboração da angústia (Benia, 2005). Além disso, os pacientes com níveis moderados de sofrimento psíquico mantêm a adesão da psicoterapia e os com níveis muito elevados de sofrimento, afetam a motivação e o envolvimento na psicoterapia (Barreiros, 2012).

Roudinesco (2000), descreve tal processo com muita propriedade, apontando que muitos preferem se entregar às substâncias químicas a falar de seu sofrimento. “O poder dos remédios do espírito, portanto, é o sintoma de uma modernidade que tende a abolir no homem não apenas o desejo de liberdade, mas também a própria ideia de enfrentar a prova dele”.

Neste sentido, pode-se observar que a maioria dos psicólogos percebe que, os psicofármacos aliviam diferentes tipos de sofrimentos psíquicos. Assim, é importante discutir como se dá a relação entre psicofármaco e a psicoterapia no sentido de desmistificar o uso desses medicamentos no tratamento de transtornos psiquiátricos sem interferir na autonomia do indivíduo, dando-lhe a possibilidade, através da psicoterapia, de desenvolver sua capacidade de pensar, refletir e trabalhar seu autoconhecimento.

Nesta perspectiva, é importante discutir sobre a epidemia das drogas psiquiátricas que medicaliza cada vez mais comportamentos cotidianos e restringe a noção de saúde mental a padrões de normalidade inalcançáveis, com base em uma base pseudocientífica. Tal epidemia tem alcances que não se restringem ao uso terapêutico como uma forma de lidar com sintomas, mas se estendem pelo mundo do trabalho, caracterizado pelo excessivo foco na performance profissional. Busca-se, também por meio das drogas psiquiátricas, uma espécie de melhoramento cognitivo voltado para o aumento da produtividade, desconsiderando as implicações éticas desse processo (Alvarenga & Dias, 2021).

Assim, o objetivo deste estudo é discutir sobre a associação entre psicofármacos e psicoterapia sob a ótica do profissional psicólogo.

## 2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória, qualitativa, do tipo revisão Integrativa da literatura. A revisão integrativa emerge como uma metodologia que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática (Souza, Silva e Carvalho, 2010).

As bibliotecas virtuais utilizadas foram: BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e SCIELO (ScientificElectronic Library Online). Utilizar-se-á as seguintes palavras-chave: “psicofármacos”, “psicólogo” e “psicoterapia” de acordo com o portal Descritores em Ciência da Saúde (DECS).

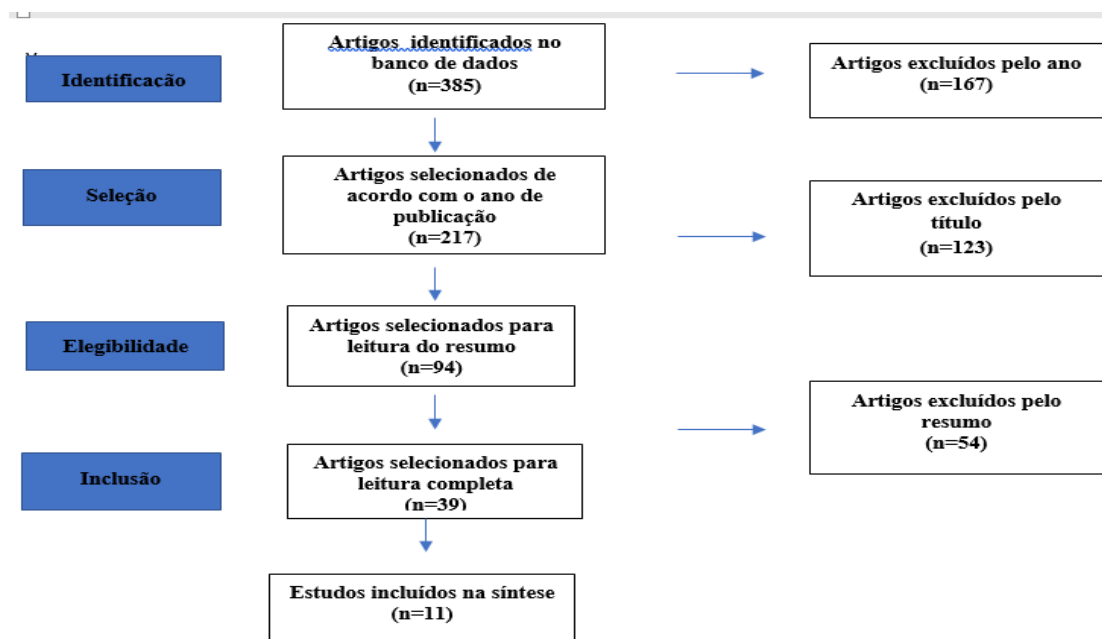
Os artigos serão elencados de acordo com os seguintes critérios de elegibilidade: artigos em português, disponíveis gratuitamente, completos, publicados nos últimos 10 anos (2010 a 2020). E os critérios de ilegitimidade serão: artigos em formato de resumo, monografias, dissertações de mestrado, tese de doutorado.

Quanto a avaliação dos dados, os artigos foram selecionados de acordo com os critérios de elegibilidade e ilegitimidade a partir dos títulos, posteriormente foi realizada a análise de resumos e finalmente os artigos foram lidos na íntegra, sendo elaborado um instrumento para a coleta de informações direto das bases de dados.

Por fim, os resultados foram analisados à luz de Bardin, através da utilização da análise de conteúdo que prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material, tratamento do resultado, inferência e a interpretação (Bardin, 2011).

O fluxograma da pesquisa é apresentado conforme a Figura 1.

**Figura 1** - Fluxograma da seleção de estudos para a discussão.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

**Quadro 1** – Artigos selecionados.

	Base de dados/ Revista	Autor/Ano/ Idioma	Título	Desfecho/Contribuição
01	SCIELO/ Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru	SEVERO <i>et al</i> / 2021 / Português	Abordagens de Psicoterapia para Pessoas com Deficiência: Revisão da Literatura	Pessoas com deficiência intelectual e/ou física, deficiência visual e/ou auditiva e autismo foram as populações mais estudadas. As técnicas comportamentais prevalecem nos estudos incluídos, com menor incidência de técnicas psicodinâmicas. A psicoterapia favorece inclusive o enfrentamento de situações adversas impostas na vida de qualquer ser humano. Pessoas com deficiência também podem apresentar necessidades psicoterápicas, uma vez que, na realidade de suas vidas, incluem complexidades além de sua deficiência.
02	SCIELO/ Trab. Ling. Aplic., Campinas	Krüger, Stenzel & Almeida 2022	Análise microinteracional de um primeiro atendimento psicoterápico: a negociação da agenda institucional nas intervenções clínicas.	Os resultados apontam para a importância da análise sobre a negociação das instâncias epistêmicas das/os interagentes e da agenda institucional como questões de impacto às intervenções clínicas. Destacamos o uso de práticas interacionais como movimentos feitos pelas/os interagentes para coordenar as ações sociais no setting clínico.
03	SCIELO/ Psicologia: Ciência e Profissão	Michel, L. H. F., Freitas, J. L. (2021).	Psicoterapia e Luto: A Vivência de Mães Enlutadas	Concluiu-se que essa é uma vivência de uma relação particular estabelecida entre a mãe enlutada e o psicoterapeuta, da qual podem emergir possibilidades de resignificação da sua relação com seus filhos falecidos, com seus familiares, com a morte e com a própria vida, desde que se sintam acolhidas, compreendidas e adquiram confiança para se expressarem livremente.
04	SCIELO/ Rev. Bras. Psicodrama	Belém, A. (2021)	Psicoterapia psicodramática de grupo <i>on-line</i> : reinvenções do aquecimento	O Aquecimento no processo psicodramático será sempre volúvel, pedindo atenção constante ao contexto. Quando trabalhamos com grupos <i>on-line</i> , temos um delineamento de contexto que, por si só, promove alterações na conformação subjetiva do grupo, que já não se vê de corpo inteiro (a não ser que se proponha algum exercício para isto), que, ao mesmo tempo, vê-se em <i>close</i> a todo momento, e que precisa ser mais

				calorosamente estimulado a interagir e se conhecer intimamente.
05	SCIELO/ Rev. Bras. Psicodrama	Vidal GP, Castro A (2021)	Transmitindo conexões: a construção do vínculo psicoterápico no psicodrama bipessoal <i>on-line</i>	Como contribuições da teoria psicodramática para a construção e manutenção do vínculo, pode-se destacar: a apresentação do local de atendimento da protagonista e da diretora, visando conhecer o espaço físico, como aquecimento para o início do processo vinculatorio; o uso dos objetos, imagens corporais e outras representações que possibilitam uma melhor compreensão acerca da cliente.
06	SCIELO/ Ágora	Agostinho, Larissa Drigo 2020	Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica	Temos aqui postos dois problemas fundamentais que dizem respeito à clínica da psicose, ao menos como ela é pensada pela psicoterapia institucional. O diagnóstico e o tratamento são o mesmo (se a dissociação é vivida como experiência de desintegração-integração), também a relação do psicótico com o seu entorno tem de ser concebida a partir desses elementos.
07	SCIELO/ Rev Bras Psiquiatr	Schestatsky, Sidnei e Fleck , (1999)	Psicoterapia das depressões	A psicoterapia interpessoal não tem superioridade sobre outras, mas ela tem sido pouco discutida no nosso meio, e porque é também o modelo mais flexível e integrador das psicoterapias para a depressão: ela pode ser administrada nas suas formas “puras” quando isto for possível; pode ser enriquecida da compreensão psicodinâmica em casos envolvendo intensas ansiedades de perda, luto e separação.
08	BVS/ Rev. USP.br	Osório FL, Silva UCA, Mendes AIF, Pavan- Cândido CC (2017)		As principais diferenças entre as diferentes formas de psicoterapia relacionam-se aos pressupostos teórico-filosóficos, objetivos e recursos utilizados (interpretação, exposição, psicoeducação), frequência das sessões e tempo de duração do tratamento, setting (grupal, familiar, individual), treinamento exigido aos terapeutas, pré-requisitos dos pacientes, alcances e resultados a serem atingidos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

### 3. Resultados e Discussão

Os artigos foram lidos, selecionados criteriosamente e agrupados em 3 categorias: a) perfil do paciente com diagnóstico de depressão em uso de psicofármacos; b) fatores relacionados ao uso de psicofármacos em transtornos psiquiátricos; c) intervenções relacionadas à psicoterapia como componente do tratamento a transtornos psiquiátricos.

Whitaker (2017), revela o conjunto de premissas equivocadas que se tornam uma narrativa popular sobre doenças psiquiátricas e seu tratamento. O modelo explicativo baseado exclusivamente no desequilíbrio neurofisiológico, ao qual os transtornos mentais estariam associados, não se sustenta como modelo etiológico ou como construção epistemológica. A medicação como forma de equilibrar o funcionamento dos neurotransmissores e as doses de serotonina e dopamina no cérebro, que estariam alteradas na esquizofrenia ou na depressão, por exemplo, ainda precisam ser melhor explicados pela literatura.

Sobre o perfil do paciente com diagnóstico de depressão em uso de psicofármacos, Kantorski (2011), observou que, do ponto de vista da assistência dentro dos parâmetros dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), a assistência depende das modalidades de tratamento, que podem ser 3: intensivo — aquele destinado aos usuários que, em função de seu quadro clínico atual, necessitem acompanhamento diário; semi-intensivo — necessitam de acompanhamento frequente, baseado em seu projeto terapêutico singular, mas não precisam estar diariamente no CAPS; não intensivo — atendimento que, em função do quadro clínico, pode ter uma frequência menor. Assim, quadros com mais agravantes têm mais possibilidades de uso de psicoterapia e psicofármacos.

Para Trivedi et., al., (2013), além das dificuldades relacionadas ao cotidiano, os Transtornos Mentais representam 15,4% dos encargos totais de doença para as economias de mercado devido ao tempo de trabalho perdido (somatório de horas semanais), por ausência do trabalho por razão pessoal, para acompanhar algum familiar doente (absenteísmo) ou pela redução

de desempenho no trabalho relacionada à saúde (presenteísmo). É, portanto, um forte componente de desarmonia da vida profissional.

Assim, é possível compreender que existe uma relação entre fatores socioeconômicos e os transtornos mentais. Como observou Kantorski, et., al., (2011), na análise do perfil de usuários de CAPS, onde evidenciou que as mulheres são maioria, possuindo uma representação percentual de 63,9%, contrastando com os sujeitos do sexo masculino que perfizeram 36,1% da amostra total. A idade média representa uma população predominantemente adulta (79,3%), sendo 17,6% de idosos e 3,1% de adolescentes. No que se refere aos fatores socioeconômicos, estes tinham fonte de renda financeira proveniente de: aposentadoria 23,6% (274 usuários), renda familiar 19,6% (228 usuários), auxílio-doença 19,0% (221 usuários), emprego 9,9% (115) e como pensionistas 77% (90 usuários). A renda no último mês foi em média de R\$ 338,02, enquanto que a renda familiar per capita foi 264,16, sendo que, ainda, 296 usuários mencionaram (26,84%) não possuem fonte de renda.

Com relação aos psicofármacos, observa-se em análise de prontuários, os fármacos que estavam em uso pela maior parte dos usuários foram: Haloperidol 10,6% (123 indivíduos), seguido da Fluoxetina 9,8% (114), Carbonato de Lítio 9,1% (106), Diazepan 7,5% (87) e Carbamazepina 5,3% (62). Em relação à segunda opção no instrumento, os medicamentos mais prescritos foram: Diazepan 7,2% (84), seguido de Melleril/Biperideno 7,2% (83). Na terceira ordem encontrada no prontuário, o fármaco Melleril/ Biperideno aparece com maior representação, de 4,6% (54), logo após aparece o Diazepan com 3,6% (42) (Kantorski, 2011).

Com relação aos fatores relacionados ao uso de psicofármacos em transtornos psiquiátricos, no estudo de Costa, et., al., (2017), os antidepressivos, os antiepilépticos e os antipsicóticos foram identificados como as principais classes de psicofármacos utilizadas, compatíveis com os diagnósticos F30-39 (transtornos do humor – afetivos) e F40-48 (transtornos neuróticos, transtornos relacionados com o estresse e somatoformes) registrados em aproximadamente 85% dos afastamentos. O uso concomitante de dois ou mais psicofármacos esteve presente em grande parte da população (69%), o que é definido por alguns autores como “polifarmácia psicotrópica”.

Identifica-se na literatura diferença estatisticamente significativa na média dos escores para sinais de depressão e ansiedade entre os sexos e para pessoas em uso de psicofármacos. Os fatores de risco são multifatoriais: fatores adaptativos, fatores ambientais, ambientes competitivos, entre outros. As mulheres estão expostas em maior proporção a variáveis específicas que favorecem o desenvolvimento de transtornos, como questões culturais, sociais e de oscilações hormonais (Coelho, et., al., 2021).

Frank (1973), afirma que apesar da grande diversidade de modelos e concepções em psicoterapia, pode-se dizer que as mesmas apresentam alguns importantes elementos comuns. São eles: a) necessidade de uma relação de confiança emocionalmente carregada em relação ao terapeuta; b) crença por parte do paciente de que o terapeuta irá ajudá-lo e de que os objetivos serão alcançados; e c) pressuposição da existência de uma modelo conceitual que prevê uma explicação possível para o sintoma/ problema e um procedimento para ajudar o paciente a resolvê-lo. Coelho, et., al., (2021).

Para Gaudiano, Brown & Miller (2011), a escolha pelo tipo de intervenção psicoterápica para diferentes quadros clínicos depende fundamentalmente da experiência profissional do terapeuta e de sua predileção por determinadas estratégias clínicas.

Assim, Goodheart et al., (2006); Norcross et al., (2006), afirmam que a prática baseada em evidências é, atualmente, um dos assuntos mais discutidos no cenário internacional da Psicologia. Com raras exceções, há consenso de que *ostatus* da psicoterapia e a autonomia profissional do psicólogo clínico dependem fortemente de práticas terapêuticas que estejam solidamente embasadas em evidências empíricas. Todavia, a compreensão do que constituem essas evidências e como elas deveriam ser produzidas, avaliadas e aplicadas é alvo de uma enormidade de controvérsias.



Para Schestatsky e Fleck, (1999), a depressão associa-se aos fenômenos relacionados aos déficits nas habilidades sociais, que contribuem para a incapacidade do paciente de obter os reforços positivos disponíveis no ambiente social e/ou de lidar com as adversidades do cotidiano. Há quatro elementos básicos nesta terapia: análise funcional do contexto dos sintomas, monitoração e planejamento de atividades com o paciente, manejo de experiências aversivas e desenvolvimento de habilidades sociais.

Desta forma, a crença em resolução espontânea do problema ou a busca de ajuda não especializada eleva o risco de subestimar sintomas importantes e agravamento do quadro, levando ao maior risco de agravamento de quadros de depressão e ansiedade (Coelho, et., al., 2021).

Com relação às intervenções relacionadas à psicoterapia como componente do tratamento a transtornos psiquiátricos, observa-se que pessoas com deficiência intelectual e/ou física, deficiência visual e/ou auditiva e autismo foram as populações mais estudadas. As técnicas comportamentais prevalecem nos estudos incluídos, com menor incidência de técnicas psicodinâmicas. A psicoterapia favorece inclusive o enfrentamento de situações adversas impostas na vida de qualquer ser humano. Pessoas com deficiência também podem apresentar necessidades psicoterápicas, uma vez que, na realidade de suas vidas, incluem complexidades além de sua deficiência. Existem fortes evidências para o uso da psicoterapia como recurso eficaz para a elaboração terapêutica de problemas relacionados a saúde, a educação e a vida social de pessoas com deficiência, independentemente do tipo de intervenção psicoterápica (Severo *et., al.*, 2021).

Para Krüger, Stenzel & Almeida (2022), os resultados apontam para a importância da análise sobre a negociação das instâncias epistêmicas das/os interagentes e da agenda institucional como questões de impacto às intervenções clínicas. Destacamos o uso de práticas interacionais como movimentos feitos pelas/os interagentes para coordenar as ações sociais no setting clínico.

Segundo Belém (2021), o aquecimento no processo psicodramático será sempre volúvel, pedindo atenção constante ao contexto. Quando trabalhamos com grupos *on-line*, temos um delineamento de contexto que, por si só, promove alterações na conformação subjetiva do grupo, que já não se vê de corpo inteiro (a não ser que se proponha algum exercício para isto), que, ao mesmo tempo, vê-se em *close* a todo momento, e que precisa ser mais calorosamente estimulado a interagir e se conhecer intimamente, já que a expressão corporal de acolhimento estará literalmente enquadrada na tela.

Assim, as principais diferenças entre as diferentes formas de psicoterapia relacionam-se aos pressupostos teórico-filosóficos, objetivos e recursos utilizados (interpretação, exposição, psicoeducação), frequência das sessões e tempo de duração do tratamento, setting (grupal, familiar, individual), treinamento exigido aos terapeutas, pré-requisitos dos pacientes, alcances e resultados a serem atingidos; a psicoterapia de grupo oferece um contexto privilegiado para o aprendizado do relacionamento humano e fatores terapêuticos específicos e únicos (Osório, et., al., 2017).

Neste contexto, Agostinho (2020), reflete que temos aqui postos dois problemas fundamentais que dizem respeito à clínica da psicose, ao menos como ela é pensada pela psicoterapia institucional. O diagnóstico e o tratamento são o mesmo (se a dissociação é vivida como experiência de desintegração-integração), também a relação do psicótico com o seu entorno tem de ser concebida a partir desses elementos. O que é interessante na exposição de caso de Oury, próprio da abordagem da psicoterapia institucional, é que seu diagnóstico passa pelo meio, pela clínica, e ela, o estado e a transformação da atmosfera (*ambiance*), sua alteração ou degradação, influenciam e alteram o estado da paciente. Toda intervenção tem que ser feita, portanto, inclusive no meio, na clínica, em seu funcionamento.

Nesta perspectiva, os atendimentos psicoterápicos vêm se apresentando muito mais como territórios de implicação direta da relação entre usuária/o e profissional para o manejo adequado da intervenção clínica do que como atividades vinculadas ao seguimento irrestrito de protocolos interventivos pré-definidos e generalistas (Gergen, 2009). A psicoterapia é ferramenta fundamental para o tratamento de transtornos psiquiátricos, muitas vezes, associados aos psicofármacos.

#### 4. Considerações Finais

Com os crescentes multifatores associados ao aumento da incidência de depressão, incluindo o advento da pandemia por COVID 19, é importante identificar os fatores de risco relacionados à epidemia do milênio, a depressão. Neste sentido, identificou-se maior ocorrência em mulheres, idade média predominantemente adulta, fator socioeconômico baixo e comprometimento financeiro, associados ao uso de psicofármacos.

As intervenções referem-se às técnicas psicodinâmicas e diferentes formas de psicoterapia relacionam-se aos pressupostos teórico-filosóficos, objetivos e recursos utilizados (interpretação, exposição, psicoeducação), frequência das sessões e tempo de duração do tratamento, setting (grupal, familiar, individual), treinamento exigido aos terapeutas são pré-requisitos para o alcance de resultados. Recomenda-se novos estudos com foco no impacto dos psicofármacos no indivíduo e fatores associados à adesão ao tratamento.

Recomenda-se a realização de pesquisas de campo sobre a temática, com metodologias qualitativas visando uma abordagem que caracterize o perfil do paciente que faz uso de psicofármacos, associando à abordagem terapêutica do profissional psicólogo.

#### Referências

- Alvarenga, R., & Dias, M. K. (2021). Epidemia de drogas psiquiátricas: tipologias de uso na sociedade do cansaço. *Psicologia & Sociedade*, 33.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Ed. *Revista e Ampliada*.
- Barreiros, J. A. B. D. A. (2012). *Explicitação dos processos de mudança em psicoterapia de orientação psicodinâmica em pacientes com dor crônica* (Doctoral dissertation, ISPA-Instituto Universitário).
- Brasil. (2017). Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Ministério da Saúde. Componente avaliação dos serviços de assistência farmacêutica básica: resultados. Brasília: Ministério da Saúde.
- Belém, A. (2022). Psicoterapia psicodramática de grupo on-line: reinvenções do aquecimento. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 29, 117-126.
- Benia, L. R. (2000). *Desemprego: luto ou melancolia. 2000. 110 f* (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul).
- Costa, J. D. O., Ceccato, M. D. G. B., Melo, A. P. S., Acurcio, F. D. A., & Guimarães, M. D. C. (2017). Diferenças de gênero e polifarmácia de psicotrópicos em pacientes psiquiátricos no Brasil: uma análise transversal do Projeto PESSOAS. *Cadernos de saúde pública*, 33, e00168915.
- de Lima Osório, F., Mendes, A. I. F., da Cruz Pavan-Cândido, C., & Silva, U. C. A. (2017). Psychotherapies: introductory concepts for healthcare students. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 50(supl. 1), 3-21.
- de Magalhães, V. P. (2018). Anatomia de uma epidemia: Pílulas Mágicas, Drogas Psiquiátricas e o Aumento Assombroso da Doença Mental (Robert Whitaker). *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(1), 168-173.
- Frank, JD (1973). Persuasão e cura: Um estudo comparativo de psicoterapia, *Rev.*
- Franco, L. T., & Ferreira, F. S. (2012). A impressão de psicoterapeutas em treinamento sobre a importância de psicotrópicos para o tratamento de sofrimentos psíquicos. *Trabalho de Conclusão de Curso não publicado, Graduação em Psicologia, Universalidade Católica de Brasília, Brasília. Recuperado em, 3.*
- Fontana, A. M (2005). Manual de clínica em psiquiatria. In *Manual de clínica em psiquiatria* (pp. 511-511).
- Gaudiano, B. A., Brown, L. A., & Miller, I. W (2011). Deixe sua intuição ser seu guia? Diferenças individuais nas atitudes práticas baseadas em evidências de psicoterapeutas. *Jornal de avaliação na prática clínica*, 17 (4), 628-634.
- Gergen, K. J (2009). *Ser relacional: além de si mesmo e da comunidade*. Imprensa da Universidade de Oxford.
- Goodheart, C. D, Kazdin, A. E, & Sternberg, R. J (2006). *Psicoterapia baseada em evidências: Onde a prática e a pesquisa se encontram* (pp. xi-295). Associação Americana de Psicologia.
- Maciel Krüger, W., Marques Stenzel, L., & do Nascimento Almeida, A. (2022). Análise microinteracional de um primeiro atendimento psicoterápico: a negociação da agenda institucional nas intervenções clínicas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 61(1).
- Norcross, J. C, Beutler, L. E & Levant, R. F (2006). *Práticas baseadas em evidências em saúde mental: Debate e diálogo sobre as questões fundamentais* (pp. xv-435). Associação Americana de Psicologia.
- Powell, A. D. (2001). A vida da medicação. *O Jornal de prática e pesquisa em psicoterapia*, 10 (4), 217.



Rang, R., Ritter, J. M., Flower, R. J., & Henderson, G. (2015). *Rang & dale farmacologia*. Elsevier Brasil.

Roudinesco, (2000) E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro.: Jorge Zahar.

Saffer, P. L. (2007). O desafio da integração psicoterapia-psicofarmacoterapia: aspectos psicodinâmicos. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29, 223-232.

Schestatsky, S., & Fleck, M. (1999). Psicoterapia das depressões. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 21, 41-47.

Souza, M. T. D., Silva, M. D. D., & Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* 8 , 102-106.

Trivedi, M. H, Morris, D. W, Wisniewski, S. R, Lesser, I, Nierenberg, A. A, Daly, E., ... & Rush, A. J (2013). Aumento da produtividade no trabalho de indivíduos deprimidos com melhora na gravidade dos sintomas depressivos. *American Journal of Psychiatry* , 170 (6), 633-641.